

## Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 23 de março de 2011

Texto de referência: L. Giussani, *O Senso Religioso, Universa, Brasília 2009, pp 45-58.*

- *Il giovane ricco*
- *Give me Jesus*

**Carrón:** Começamos nosso trabalho lendo um e-mail que um de vocês me enviou, porque é aquilo que eu quero para mim no princípio desta Escola Comunidade: sentir a urgência que vibra nesse amigo. “Estou verificando pessoalmente que em relação a essa questão da moralidade, empenho a vida. E nada do que trabalhamos nos últimos meses me provocou tanto, porque vejo que é aquilo sobre o que me bloqueio mais frequentemente, em particular quando se diz que *parece banal, mas não é tão fácil de praticar, porque somos inclinados a permanecer ligados às opiniões que já temos sobre o ‘significado’ das coisas e a pretender documentar nosso apego*”.

**Colocação:** *Quando li esse capítulo, me lembrei daquele rapaz que falou no último encontro e que disse: “Que bonito poder viver isso que Dom Giussani diz, mas é impossível”. Porque comecei a ler todo o trecho sobre o conhecimento que diz que não é possível conhecer se a pessoa não tem interesse, e o meu problema é que as coisas não me interessam, que eu, normalmente, diante das coisas (pensava também nestes dias em que estou cansada), sou presa da instintividade, não existo. Depois, porém, me confortei um pouco porque no fim ele diz que é possível através de um trabalho, e por isso eu pensei: “Se é possível através de um trabalho, posso conseguir”. Mas, depois, ele diz: “Para amar a verdade mais do que a si mesmo (...) é preciso um trabalho”, e essa é a definição clássica da moralidade. E eu dizia: não consigo gostar nem de mim mesma, como faço para amar a verdade se olho só os limites, a instintividade?*

**Carrón:** Repita essa frase que você disse.

**Colocação:** *Como posso amar a verdade se não entendo nem o que quer dizer amar a mim mesma? Eu não sei dizer, Julián, se eu gosto de mim, não sei. A pergunta é: como é possível sair do desinteresse?*

**Colocação:** *Poderia dar como exemplo todos os instantes da vida em que temos um sentimento, ou seja, sempre, desde que nos levantamos de manhã. O que acontece de imediato é que eu tomo uma posição, o coração toma uma posição diante do sentimento, isto é, diante da reação. É inevitável que imediatamente venha à tona o desejo de felicidade que julga o sentimento e o estado de ânimo em que nos encontramos. E quando deixo espaço para esse trabalho, para esse juízo que não tem nada de artificial, mas o percebo como imediato, então me torno certo e conheço. Ainda bem que existe o sentimento, assim sou obrigado a me perguntar sempre o que eu quero, o que desejo.*

**Carrón:** Mas – em relação à primeira pergunta – se você julga da maneira como disse, isso não é o primeiro sintoma do interesse que você tem? Que você não se contenta com qualquer coisa?

**Colocação:** *O juízo sobre aquilo que estou vivendo é o desgosto de não estar interessado.*

**Colocação:** *Na nossa ala do hospital, temos uma mulher que está com metástase no cérebro. Um dia, sua filha – que eu não conheço – chegou ofegante e muito angustiada: “Estou procurando minha mãe. Quero falar com o médico”. O que me impressionou é que precisei ir olhar no quadro quem era sua mãe porque eu não me lembrava quem era aquela mulher. Fiquei congelada porque percebi que para mim essa mulher não existia, enquanto para sua filha, ela era tudo. Entramos na sala dos médicos e essa filha desesperada perguntou: “Quanto tempo resta?”. E a doutora lhe disse: “Semanas”. Essa filha começou a falar sobre tudo aquilo*

*que estava vivendo com sua mãe, e o que me perturbou é que naquele momento, disse a mim mesma: quem é essa mulher para significar tanto para essa filha? Naquele instante, aquela paciente começou a existir para mim. A partir da reação que eu tive no embate com essa filha, comecei a me interessar pela mãe. O que aprendi com esse episódio? Que o sentimento que tive ali, que nasceu em mim naquele instante, é a centelha que dá início ao conhecimento, no sentido que, quando saí daquela sala, fui tentar entender quem era aquela mulher. O sentimento – como diz Dom Giussani –, que pode ser de inclinação ou de repulsão, é uma centelha, isto é, eu não sou feita para confundir uma coisa com outra, ou seja, o que fica não é o sentimento, mas o objeto que eu conheço, que é muito mais do que o sentimento que tenho no relacionamento com o objeto. Eu fui tocada pelo fato de que preciso de algo que dure no tempo, e o sentimento, mesmo em relação àquilo que eu amo, é algo que vai e vem, porém eu preciso de algo que permaneça, e o algo que permanece é aquilo que eu conheço, que é muito mais do que aquilo que eu experimento.*

**Carrón:** Então é possível entender que o que a fez se interessar por aquela mulher foi o sentimento despertado pela presença da filha. Por isso, sem aquele sentimento despertado pelo interesse que a filha tinha pela mãe, aquela mulher teria continuado a ser uma desconhecida para ela. Isso mostra como o sentimento não é um obstáculo, mas um fator decisivo do conhecimento. A questão é se nós vamos atrás daquela centelha que provoca o interesse.

**Colocação:** *Na semana passada fui convidado para jantar com um grupo de estudantes universitários para discutir sobre a situação específica daquela universidade e tentar escrever, juntos, um panfleto. Eu tinha tido um dia muito intenso, estava muito cansado, não tinha absolutamente vontade de participar daquele jantar. E, portanto, fui sem esperar nada, esperando resolver tudo no menor tempo possível e ir embora. O que aconteceu? Cheguei lá e encontrei uma dezena de alunos amigos meus que estavam me esperando, tinham preparado tudo, era possível ver como havia neles uma espera e um desejo de não perder aquele jantar, de investir naquele tempo que podíamos estar juntos sem perder nada. O jantar começou e eu continuava a responder me esquivando e tentando me sair bem, porém eles continuavam a insistir, e então, a um certo ponto, me vi num dilema: continuar “fora” ou me deixar provocar e seguir aquilo que estava acontecendo ali, com eles. E, assim, tudo mudou, porque comecei a me envolver de verdade naquele jantar, nas discussões, no debate. Foi um dos jantares mais bonitos dos últimos tempos, tanto é que escrevemos um panfleto como se fosse o primeiro que tivéssemos escrito.*

**Carrón:** Então, respondendo à primeira pergunta: como seu interesse apareceu?

**Colocação:** *Acho que por causa de dois fatores. Um: fiquei diante daquilo que acontecia ali, porque eliminando aquilo que estava na minha frente, sozinho acho que não teria conseguido me desbloquear.*

**Carrón:** Se não estamos diante daquilo que temos na nossa frente, o que resta é apenas um esforço titânico, que muitas vezes não conseguimos suportar. Mas, se nos deixamos tocar, se nos deixamos arrastar por aquilo que acontece, começa a se tornar simples.

**Colocação:** *Dois: não prevaleceu aquilo que eu já sabia, houve um elemento de simplicidade que se tornou uma abertura cada vez maior.*

**Carrón:** Quando a realidade se torna dura, como estamos diante dela?

**Colocação:** *Outro dia trabalhei no turno noturno de terapia intensiva neonatal. Assim que cheguei, me disseram que um dos bebês, um menino que estava na incubadora há três meses, estava morrendo porque não chegava mais oxigênio ao cérebro e porque seu pulmão, desde que nasceu, não conseguiu se desenvolver. Tentei a noite inteira evitar olhar para aquele menino porque tinha medo de não conseguir me controlar diante dele, como Giussani diz a um certo ponto: “Algo acontece, penetra e produz inevitavelmente, mecanicamente, uma certa reação, um estado de ânimo (...). Algo acontece que toca a pessoa, “move” a pessoa, uma emoção, uma*

comoção”. Imediatamente a dor daquele menino, que de um momento para o outro entrou no meu horizonte, suscitou em mim aquele estado de ânimo, aquele sentimento. Comecei a usar a razão de maneira reduzida. Aquele sentimento angustiante e todas aquelas perguntas que nasciam diante dele faziam com que eu não pudesse chegar nem perto da incubadora onde ele dormia. Aquela dor era muito incômoda e inconscientemente eu continuava a dizer não para um pedaço da realidade que me provocava. Porém, por volta das quatro da manhã, seu choro me atraiu, sua insistência em continuar vivo não me permitia mais continuar indiferente, estava em seu berço com os olhos inchados e azuis como se alguém lhe tivesse dado dois socos e tentava abri-los. Fiquei ali olhando para ele e explodiu no meu coração uma dor pungente, uma necessidade de sentido enorme. No entanto, exatamente enquanto olhava para ele, tive que reconhecer a verdade de mim e a daquele menino, como diz Giussani, mais uma vez: “A moralidade é o desejo sincero de conhecer o objeto em questão de maneira verdadeira, maior do que nosso apego a opiniões já feitas ou inculcadas”. Nesse momento, foi como se tudo entrasse no foco. Exatamente enquanto o olhava, fui obrigada a reconhecer a verdadeira experiência razoável que tenho feito nos últimos tempos, que sempre me liberta, que faz com que eu seja eu mesma até o fundo, que dá sentido à minha vida e significa que sou uma pobre coitada, mas eternamente amada. Por isso, olhando para aquele menino, sem eliminar nada, pude afirmar com certeza: nesse instante Cristo está se curvando sobre o meu nada e sobre o seu nada, sobre a nossa pequenez, porque existimos, porque vivemos. Nossa consistência é esse contínuo abraço que não nos deixa, que não nos abandona, que nos faz existir. Eu consisto do Seu amor contínuo, incansável para comigo, e aquele menino, no silêncio e na descrição completa, está carregando a cruz de Cristo para mim. Mas, por que eu posso estar diante dele dessa maneira? Por que posso permanecer diante de todas as perguntas que explodem no meu coração e não fugir? Por que posso não eliminar ou me esquecer até tornar-me cínica? Porque Cristo aconteceu para mim e continua a reacontecer, e me ama como eu mesma não sei me amar e faz com que eu não censure ou esqueça as perguntas mais profundas do meu coração. Mais uma vez, como diz Giussani: “Efetivamente, o homem só é movido por um amor e por uma afeição. O amor que pode nos persuadir a realizar esse trabalho (...) é o amor a nós mesmos como destino, é a afeição pelo nosso destino. É esta comoção última, esta emoção suprema que persuade à virtude verdadeira”. É aquele amor para comigo que torna transparente e claro para mim que aquele menino não é o seu estado terminal, a morte ou a sua doença, assim como eu não sou o aborrecimento que muitas vezes sinto por mim, ou os meus limites ou a minha pequenez, mas nós dois, agora, somos relacionamento com Alguém que nos ama. Realmente, só a Sua contemporaneidade torna possível que eu olhe para mim mesma e para aqueles bebês com verdade, como você disse no encontro do dia 26 de janeiro: “Ninguém consegue manter-se sozinho na postura justa à qual o encontro com Cristo a abriu”. Por isso, a única resposta à nossa fragilidade é a permanência real da Sua presença. Já há muitos dias que me lembro continuamente daquele menino, a cada instante: ao invés de desejar não pensar nele, me comovo, porque é a possibilidade, para mim, de fazer memória de que Cristo está se curvando sobre o meu nada e não se esquece de Seus filhos.

**Carrón:** Não é apenas quando as coisas que temos que enfrentar são agradáveis, pode ser algo que não somos capazes nem de olhar. E quando acontece isso, a razão é usada como medida: não consigo ver toda a realidade daquilo que tenho na minha frente. É preciso – e isso não podemos nos dar diante de certas circunstâncias – uma Presença, querida e amada, que eu não posso eliminar no momento em que me vejo diante dessas coisas e que impede a vitória da razão como medida. Sempre me lembro de uma frase de Giussani: “O coração é [...] a condição da atuação saudável da razão. A condição pela qual a razão seja razão [esteja aberta à totalidade daquela realidade que tenho diante sem censurar nada] é que seja investida pela afetividade e assim mova o homem inteiro”. E o quê pode investir toda a vida com essa afeição que torna possível olhar para tudo? Não é um mecanismo, é apenas uma Presença que tem capacidade de atrair toda a minha vida de maneira tal que posso olhar – na companhia da Sua Presença – tudo.

E isso, como ela nos disse, não posso fazer sozinho. Preciso me reabrir constantemente a essa totalidade. Ninguém pode manter-se sozinho nessa postura, a não ser porque Cristo reacetece como contemporâneo e nos permite estar diante da realidade. Foi isso que vimos de novo no dia 26 de janeiro: sem que se dê novamente o Acontecimento, sem uma realidade que nos eduque, sem uma Presença que nos salve constantemente dessa redução, nós não olhamos ou não nos interessamos. Por isso, a única possibilidade de salvar a razão assim, de salvar uma afeição assim, é que sejamos constantemente atraídos por uma Presença, que se torne tão familiar que nada possa nos bloquear.

**Colocação:** *Domingo, na missa, fiquei muito tocado com a leitura sobre a Samaritana, motivo pelo qual estou aqui esta noite, no sentido de que me senti exatamente como a Samaritana que larga o cântaro e corre para contar o que está acontecendo. O que me acontece é aquilo que você disse, isto é, que só a excepcionalidade de uma Presença é capaz de abrir a nossa razão e o nosso sentimento. Vivi isso em duas situações totalmente opostas, uma de drama e outra de alegria, mas o denominador comum é o mesmo. Passei por um tsunami que foi uma doença que durante cinco meses me debilitou fisicamente, e não só isso. Precisei como que ceder àquilo que acontecia dentro de todo o drama. Agora, ao contrário, me aconteceu – depois explico o sentido das duas experiências – uma experiência de alegria no trabalho. Fiz experiência daquilo que sempre nos dizemos: que o método é a adesão à realidade por aquilo que ela é. Nos dois casos experimentei a surpresa de um Outro que acontece e que nos faz olhar as mesmas coisas com novos olhos. É um período de grande graça para mim porque me sinto realmente investida por essa Presença que me supera em todos os sentidos. Entendi isso nas duas experiências. Seguramente, a mais forte foi a da doença, porque ficou evidente de maneira muito mais dramática se quisermos, que eu não me faço, e agora ainda mais, porque embora esteja começando uma nova aventura profissional, ela também não é minha, é realmente o dom de um Outro que se faz presente. Uma outra coisa me tocou muito. Aqui diz: “O amor que pode nos persuadir a esse trabalho (...) [porque realmente é preciso atravessar a crosta – como dizíamos – das opiniões] é o amor a nós mesmos como destino”. Eu pensava nisso e dizia: o amor a mim como destino é o amor a mim como desejo de responder continuamente àquilo que um Outro me pede, é a vocação, nada mais que isso. Como exemplo da questão de atravessar a crosta, digo uma última coisa, porque para mim isso também é um grande dom neste período. Os encontros mais significativos que fiz foram com pessoas totalmente correspondentes, tive muita sorte. O que aconteceu de um certo tempo para cá? Comecei a ver com clareza a correspondência dentro de um relacionamento não tão “imediate” mas que, paradoxalmente, está me fazendo atravessar aquela crosta. Por quê? Como eu vejo que essa pessoa é realmente apaixonada por Cristo, isso me leva sempre a ter que decidir: paro ou vou além? Vou além, e não é por causa de uma capacidade minha, mas porque vejo nessa pessoa aquilo que eu também desejo.*

**Carrón:** E o que faz com que uma pessoa não pare, mas vá além? Ou, o que permite que alguém possa afirmar algo sem que se torne uma posse? E, aqui, voltamos àquilo que dizíamos antes, que sem essa contemporaneidade é inevitável que eu, ou afirme algo como posse, ou pare. A questão é o que nos liberta dessa maneira de possuir. O que é preciso que se introduza na vida para que eu possa me relacionar com a realidade livre desse desejo de posse? Ou que eu não me bloqueie diante dos limites do outro? É isso o que cada um deve buscar reconhecer quando acontece: o que me impede de não me bloquear?

**Colocação:** *Me parece que o trabalho sobre as três premissas encontra uma magnífica síntese na frase de São Paulo, quando diz: “A realidade é Cristo”, “tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus” “e morrer é lucro”. Parece-me, de fato, que o realismo se identifica exatamente com o reconhecimento de que a realidade, isto é, o objeto, é Cristo, e que isso abre a razão. Todos os fatores da realidade concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, e chegamos ao capítulo de hoje: morrer é um ganho, isto é, amar a verdade mais do que*

*a si mesmo é lucro. De fato, na página 55, diz: “A regra moral: (é) o amor à verdade do objeto mais do que o apego às opiniões que já formamos sobre ele”. Depois, fala do desaparecimento de si e do amor a nós mesmos como destino, condição para sermos persuadidos a esse trabalho. É uma premissa para responder: quando me surpreendi reconhecendo a incidência da moralidade no conhecimento? Parto da experiência que mais documenta na minha vida esse trabalho de ascese, que é o meu relacionamento conjugal. Diante dessa experiência vocacional nunca pude – por sorte – ler a Escola de Comunidade e aprendê-la de cor, nem copiar o método de outros, como diz na página 21: “O método (...) é imposto pelo objeto”. Na experiência sobre a qual estou falando, o objeto em questão é meu próprio marido, sua história, sua cultura, seu país, seus gostos: ele é belga e filho da cultura racionalista do norte da Europa, eu sou radicada na tradição católica do sul da Itália (com o “agravante” de ter uma postura, em termos de método, a partir do encontro com o carisma de CL). Como esses dois mundos fazem para conviver? Para explicar isso, me permito usar uma passagem sua, padre Carrón, retirada do livro Alargar a Razão: Partamos de um primeiro fato, de que eu e meu marido, pertencentes a mundos diferentes, nos encontramos e nos tornamos amigos, e partamos também de um outro fato que é que esse encontro foi o início de um caminho que levou a um conhecimento recíproco graças à disponibilidade tanto dele como minha de alargar a razão. Essa “não é simplesmente uma batalha privada embora edificante. Ela tem um alcance mais amplo do que o perímetro do relacionamento entre os dois”, e mais ainda a nossa, que é uma amizade conjugal. Nossa experiência “constitui uma verdadeira e própria novidade em um contexto cultural que oscila entre o confronto e a indiferença” (...) O que permite que nos tornemos amigos mesmo sendo historicamente determinados por tradições e culturas diferentes? A presença em cada um de nós (...) da mesma experiência elementar, o coração”. Concretamente, o que aconteceu no nosso relacionamento é o que Dom Giussani diz na página 56: “O desejo sincero de conhecer o objeto em questão de maneira verdadeira, mais de quanto estejamos arraigados a opiniões pré-fabricadas ou inculcadas em nós”. Neste contexto, conto um fato como êxito desse trabalho e que, na minha opinião, talvez responda ainda mais à pergunta. Na última quarta-feira tínhamos a Escola de Comunidade de retomada, e meu marido me mandou uma mensagem: “Um amigo meu também vai. Vamos nos encontrar e depois vamos juntos”. Eu nunca o tinha visto, embora meu marido tenha me falado dos encontros que tinha com ele por motivos profissionais. Durante o jantar fui ficando cada vez mais surpresa porque esse amigo me contou que meu marido já falava há muito tempo sobre o Movimento e tinha inclusive lido O Senso Religioso. Esse amigo está aqui esta noite porque pediu para vir a esta Escola de Comunidade... Não vou me ater sobre outros detalhes importantes para não me estender. Esse acontecimento me surpreendeu muito porque meu marido me testemunhou o que quer dizer amar a verdade mais do que a si mesmo e este fato, como tantos outros, fala de uma abertura da razão e de uma grande lealdade para com o próprio desejo. Porém, exatamente a partir dessa experiência, quero colocar uma questão que há entre eu e ele, porque ele continua a dizer: “Eu não vejo esse Cristo presente, não sei o que quer dizer a contemporaneidade de Cristo”. No entanto, o que ele faz? Convida um amigo para a Escola de Comunidade. Parece ser uma contradição. Isso me fez refletir antes de mais nada sobre mim, porque muitas vezes Cristo também opera através de mim e eu não me dou conta, isto é, não dou o passo do reconhecimento. Pergunto: será que não é uma questão de método? Será que ao invés de aplicar o método da certeza moral nós aplicamos o método racional, do demonstrável? Se puder, por favor, peça que você retorne à questão da certeza moral.*

**Carrón:** Eu acho que você e seu marido sabem muito bem o que é a certeza moral. Então a questão não é repetir uma definição. A definição, vocês têm no livro. O problema é que esse alargamento da razão em vocês dois é um desafio para você: “Eu não vejo Cristo presente”. Seu marido precisa fazer o percurso dele, você precisa fazer o seu. Que sugestão, que indicação, que sinal você pode lhe dar para que ele possa fazer esse percurso, de maneira tal que possa encontrar na experiência que vive algo que lhe facilite esse reconhecimento? Não é questão de

explicar de novo o método, que você já sabe, mas de começar a usá-lo. Essa é uma hipótese de trabalho para que cada um possa se colocar diante da realidade e possa deixar emergir dessa experiência, dessa realidade que vivemos, o reconhecimento de Cristo. Para isso é preciso um trabalho, é preciso uma atenção à realidade, uma capacidade de abraçar qualquer aspecto, qualquer vislumbre que possa servir para ir em busca daquilo que você está procurando.

**Colocação:** *Um amigo meu, casado e separado há algum tempo, veio à minha casa e me disse: “Eu me dei conta, no caminho que fiz, que entre eu e minha mulher não há possibilidade de convivência. Tentamos tudo, nós nos gostamos, muito, mas humanamente não é possível”. Depois, parou um instante – parecia que já tinha terminado – e depois disse: “Humanamente não é possível, porém o percurso que estamos fazendo, o trabalho que estamos fazendo me provocou tanto que me pergunto – uma vez que senti o contragolpe de uma correspondência que mudou a minha vida –, o que isso quer dizer. Não posso deixá-lo desaparecer”. Isso despertou em mim um interesse em conhecer qual é o objeto do qual estamos falando, não poderia me calar, e pela primeira vez não senti obrigação de dizer: “Tudo bem, não está bem, poderia fazer, não poderia fazer”, estava diante de algo totalmente novo. Deixo um pouco isso de lado para contar outro fato que me aconteceu na escola, para depois dizer o que eu entendi. Na escola – eu trabalho com o ensino fundamental – há uma semana e meia um professor de apoio, que nos últimos anos é continuamente transferido de uma escola a outra, foi intimado pelos pais que querem que ele seja demitido. Efetivamente, ele tem muita dificuldade, provavelmente não se adaptou a esse trabalho. Estávamos em cinco ou seis na sala dos professores, com ele presente – ele, a quem julguei da maneira como descrevi – e, enquanto conversávamos sobre sua situação, ele disse: “Olhem, eu também posso trabalhar na biblioteca. Tenho cinqüenta e dois anos, sou sozinho, não tenho ninguém, minha mãe me telefona todas as tardes da Sicília e me pergunta: “Você foi transferido mais uma vez?”. Eu não tenho um trabalho, não sei como fazer para me manter”. Naquele momento me perguntei: será que eu, que o julguei dessa maneira, e até aquele momento estava absolutamente certa do juízo que tinha dado, estou realmente interessada pelo outro? Como o que ele disse me interpela? O que eu entendi, Carrón, foi isso: que se no presente não me fosse dado novamente o contragolpe de uma correspondência que existe, não teria como superar a minha opinião pessoal, que é não só aproximativa mas muitas vezes inadequada e totalmente defasada. E assim, não me libertaria dela.*

**Carrón:** É assim. Isso nos introduz no conteúdo do Cartaz de Páscoa deste ano, porque é exatamente a resposta a isso que você acabou de dizer. E entendemos ainda mais tendo diante dos olhos as imagens daquilo que aconteceu no Japão, diante das quais nos damos realmente conta do que somos e de qual é o alcance daquilo que nos aconteceu. Quando vemos tudo ir embora em um instante, o que significam nossas opiniões vacilantes e as nossas pequenas preocupações? O que nos permite estar diante de uma coisa assim? Gostaria de reler um trecho da introdução de *Educar é um Risco*, que cada vez mais responde às nossas necessidades: “Estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta [uma fé confirmada pela própria experiência], útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário”. Lembrei disso porque, como dissemos em outras ocasiões, se não fazemos uma experiência desse calibre, se não encontramos na experiência a evidência das suas razões, diante da doença, diante da dor, diante das circunstâncias ruins, diante daquilo que não nos agrada, nós não somos capazes de manter toda a afeição e toda a razão abertas. É preciso que haja algo presente que nos atraia e nos convença disso. E – como você dizia – só é possível encontrar a confirmação da sua razoabilidade, do interesse pela vida, em uma experiência assim, senão, qualquer tsunami destrói tudo. Por isso, dizia, não basta uma experiência da qual, depois, devemos pedir a confirmação a alguém fora de nós. Isso me fez voltar à primeira premissa, onde Giussani diz: “Não partir de uma investigação existencial [da

experiência], seria como pedir a um outro a consistência de um fenômeno que eu vivo [e isso seria simplesmente frágil diante dos tsunamis da vida]. O que [...] tornaria a opinião de outrem apenas a substituição de um trabalho que me cabe”. Nós, muitas vezes somos preguiçosos em relação a isso e pedimos ao outro que substitua um trabalho que cabe a nós, porque sou eu que tenho necessidade e não devo ser poupado. Se você é mãe ou pai, não pode evitar, às vezes, a tentação de poupá-lo a seu filho, mas o filho precisa da evidência da experiência que faz para poder estar na realidade. E sem essa experiência, qualquer coisa o elimina. Vocês precisam pensar bem o que quer dizer amar o outro, porque muitas vezes nós tentamos substituir esse trabalho que cabe a nós, e então ficamos alienados. E como eu posso fazer experiência disso no presente? Essa é a grande frase do Papa que vocês encontram no cartaz, tirada do seu último livro: ““Mas se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé” (1 Cor 15,14-15). [...] A fé cristã fica de pé ou cai com a verdade do testemunho segundo o qual Cristo ressuscitou dos mortos. Se se suprimir isto, certamente que ainda se poderá recolher da tradição cristã uma série de ideias dignas de nota sobre Deus e o homem, sobre o ser do homem e o seu dever-ser (uma espécie de concepção religiosa do mundo), mas a fé cristã estará morta. Nesse caso, Jesus [...] deixará de ser o critério de medida; o critério será apenas a nossa avaliação pessoal, que escolherá do seu acervo aquilo que pareça útil [o cristianismo seria apenas um patrimônio de ideias sobre o homem, sobre o mundo, do qual cada um pode pegar aquilo que lhe agrada, ou lhe interessa, ou escolhe]. E isto significa que ficaremos abandonados a nós próprios [sós como cães: podemos continuar a discutir sobre o patrimônio do cristianismo, sobre avaliação, sobre valores, sobre diferentes interpretações do cristianismo, mas abandonados a nós mesmos]. A nossa avaliação pessoal será a última instância. Somente se Jesus ressuscitou [isto é, se aconteceu um fato] é que aconteceu algo de verdadeiramente novo, que muda o mundo e a situação do homem. Então Ele, Jesus, torna-Se o critério em que nos podemos fiar; porque, então, Deus manifestou-Se verdadeiramente”. Olhem que aqui está tudo aquilo que está em jogo, e os acontecimentos do Japão os tornam ainda mais evidentes: se Cristo não ressuscitou, o que resta das nossas ideias mais ou menos geniais, das nossas tentativas? Somos abandonados a nós mesmos. E como isso pode se tornar uma experiência para nós? Como você dizia, através de um encontro presente. Mas ainda temos a tentação de reduzir o cristianismo a patrimônio, isto é, o carisma também pode correr o mesmo risco se ele é apenas um patrimônio do qual cada um pega o princípio que acha mais aceitável – é possível discutir sobre as interpretações do patrimônio, mas mais uma vez somos abandonados a nós mesmos: para perder o caminho, bastamos amplamente nós mesmos... –. Então, a questão é se aquilo que nos aconteceu, se aquilo que nos fascinou pode permanecer presente, não apenas como algo que aprendi como patrimônio, porque em muitas ocasiões, não é que não saibamos o que Dom Giussani diz. Em uma das assembleias, alguém se colocou, eu tenho absoluta certeza de que ele sabia que o vértice da razão é a categoria da possibilidade, e deve ter repetido isso milhares de vezes! Mas disse: “Só faz dois anos que eu realmente acredito ser possível a minha realização verdadeira”, porque não basta estudar com afinco sobre a expressão, você pode falar da categoria da possibilidade e ser racionalmente convencido de que não é possível acontecer. De fato, o trecho de Dom Giussani que está no Cartaz é a resposta a uma pergunta que fizeram em uma reunião do Grupo Adulto. Naquele período, Dom Giussani, partindo de um princípio do pensador Finkelkraut, tinha particularmente sublinhado que o conhecimento é sempre um acontecimento. E esse amigo perguntou: “Então, se só é possível conhecer através de um acontecimento, tudo o que tentei aprender daquilo que você nos disse durante esses anos, e que me empenhei em aprofundar, é uma prisão do “já sabido” que me impede de conhecer?” Giussani respondeu que ele tinha razão, a menos que aconteça aquilo que está no Cartaz: “O acontecimento não identifica somente uma coisa que aconteceu e com a qual tudo teve início, mas é aquilo que desperta o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente. O que se sabe ou o que se tem converte-se em experiência se aquilo que se sabe ou se tem é algo que nos é dado agora: há uma mão que no-lo oferece agora, há um rosto que vem avançando agora,

há sangue que se derrama agora, há uma ressurreição que tem lugar agora. Fora deste «agora» não existe nada! O nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, transformado, a não ser por uma contemporaneidade: um acontecimento. Cristo é algo que me acontece agora. Então, para que aquilo que sabemos – Cristo, todo o discurso sobre Cristo [podem colocar tudo o que quiserem] – seja experiência, é necessário que seja um presente que nos provoca e percute: é um presente [atenção!], como para André e para João foi um presente. O cristianismo, Cristo, é exatamente aquilo que foi para André e João quando iam atrás d’Ele; imaginem quando Se voltou, e como ficaram impressionados! E quando foram a Sua casa... É sempre assim até agora, até este momento!”.

Se não é assim até este momento, o cristianismo já começou a se tornar um patrimônio que nos deixa abandonados a nós mesmos e que não é capaz de nos mudar. Por isso, toda a moralidade se joga diante do presente, diante da modalidade com a qual Ele me atrai, me lança, me provoca. E então tudo se torna simples, basta a simplicidade do coração, isto é, ser verdadeiramente si mesmos (ao invés de partir da imagem que temos de nós).

E esse é o próximo ponto da Escola de Comunidade. Se o que queremos entender é o senso religioso, e o senso religioso é um experiência que acontece em nós, o início é partir de nós mesmos. Porém não de nós mesmos – mais uma vez – como introspecção, como “já sabido”, mas de nós mesmos em ação, para surpreender os fatores que emergem na experiência. Porque é somente se partimos disso que podemos realmente ver qual é a realidade verdadeira do nosso eu, quais são os fatores constitutivos do nosso eu. E isso só acontece se nós nos empenhamos. Dom Giussani diz que os fatores constitutivos do humano podem ser percebidos onde são empenhados com a ação, senão não são relevantes. E acrescenta: “A condição para podermos [aqui está mais uma vez a palavra] surpreender em nós a existência e a natureza de um fator portador, decisivo como o senso religioso, é o empenho com a vida inteira”. Não com aquilo que nós decidimos: com a vida inteira! Então, se é assim, é possível entender porque o quarto capítulo começa dizendo que o verdadeiro problema não é o de uma particular inteligência, mas é um problema de atenção: surpreender em ação os fatores constitutivos do eu. Por isso, o trabalho que devemos fazer para o próximo encontro é viver a atenção para nos surpreendermos em ação, tentando responder a essa pergunta: o que descobri sobre mim mesmo observando-me em ação? Porque assim, virá à tona a verdadeira necessidade, que nos colocará diante de Sua presença com uma facilidade de reconhecimento, com uma pobreza de espírito.

Saiu o Cartaz de Páscoa que estará disponível nos próximos dias. Acho que com ele já introduzimos o trabalho que pode ser decisivo nos próximos tempos; nada me parece mais adequado para o momento histórico que vivemos. Não é algo para uso interno; é ao mesmo o juízo sobre nós mesmos e sobre o mundo, porque diante do tsunami o que mais podemos oferecer que não pareça absolutamente irrelevante senão dizer que Cristo ressuscitou. O que nos mantém firmes diante de uma situação assim? Não temos nada de mais adequado para dizer, para oferecer a nós mesmos e aos nossos amigos, do que esse Cartaz com seu conteúdo.

- *Glória*
- *Veni Sancte Spiritus*